



J. R. Ward

Amante Consagrado

Lover Enshrined

Série Adaga Negra - Vol. 6

Disponibilização: LibrosLibrosLibros

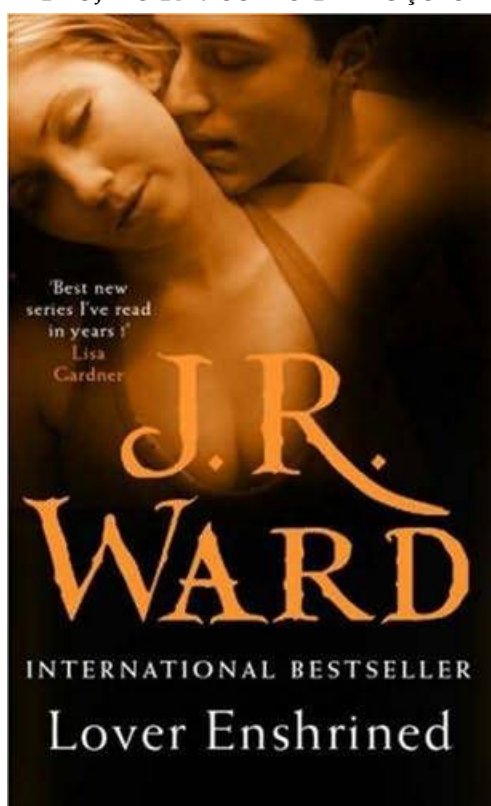
Tradução/Pesquisa: Yuna, Gisa, Mare e Rosie

Revisão Inicial: Lu Avanço

Revisão Final: Etel

Formatação: Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



Nas sombras da noite de Caldwell, Nova Iorque, desenvolve-se uma furiosa guerra entre os vampiros e seus assassinos. E existe um grupo secreto de irmãos como nenhum outro... Seis guerreiros vampiros, defensores de sua raça. E agora, um obediente gêmeo deve escolher entre duas vidas...

Ferozmente leal à Irmandade da Adaga Negra, Phury se sacrificou pelo bem da raça, convertendo-se no macho responsável por manter a linhagem da Irmandade. Como o Primale das Escolhidas, vai ser o pai dos filhos e filhas que assegurarão que sobrevivam as tradições da raça, e, que haja guerreiros que lutem contra aqueles que querem que todos os vampiros se extingam.

Como sua Primeira Companheira, a escolhida Cormia quer ganhar não só seu corpo, mas também seu coração para si mesmo... Ela vê o macho emocionalmente deteriorado atrás de toda sua nobre responsabilidade. Mas enquanto a guerra com a Sociedade Lessening se volta mais severa, e a tragédia mora sobre a mansão da Irmandade, Phury deve decidir entre o dever e o amor.



GLOSSÁRIO

A Irmandade da Adaga Negra - Black Dagger Brotherhood

Guerreiros vampiros altamente treinados que protegem aos de sua espécie contra a Lessening Society. Como consequência da seleção genética de sua raça, os Irmãos possuem uma imensa força física e mental, assim como uma extraordinária capacidade regenerativa —podendo recuperar-se de suas feridas de uma maneira assombrosamente rápida. Normalmente não estão unidos por vínculos de parentesco, e são introduzidos na Irmandade mediante a proposta de outros Irmãos. Agressivos, auto-suficientes e reservados, vivem separados do resto dos civis, mantendo apenas contato com os membros de outras classes, exceto quando precisam alimentar-se. São objeto de lenda e reverência dentro do mundo dos vampiros.

Escravo de sangue - Blood Slave - Homem ou mulher vampiro que sujeita sua existência às necessidades alimentícias de outro vampiro. O costume de possuir escravos de sangue foi suspensa há muito tempo, mas ainda não foi abolida.

Escolhida – Attendhente - Mulher vampiro que foi criada para servir à Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora seu enfoque seja mais espiritual que temporário. Sua interação com os homens é virtualmente inexistente, mas podem emparelhar-se por ordem da Virgem Escriba para propagar sua espécie. Possuem o dom da vidência.

Doggen. Constituem a servidão do mundo vampírico. São fiéis a estritas tradições a respeito de como servir a seus superiores e obedecem a um conservador código de comportamento e vestuário. Podem caminhar sob a luz do sol mas envelhecem relativamente rápido. Sua média de vida é de uns quinhentos anos.

O Fade. Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos para passar juntos o resto da eternidade.

Hellren. Vampiro macho que se emparelhou com uma fêmea. Está permitido que os homens possam ter mais de uma companheira.

Leelan. Adjetivo carinhoso que se traduz como o/a mais querido/a.

Lessening Society. Ordem ou organização de assassinos reunida pelo Omega com o propósito de erradicar as espécies vampíricas.

Lesser. Humanos sem alma, membros da Lessening Society, que se dedicam a exterminar os vampiros. Permanecem eternamente jovens e só pode lhes matar cravando uma adaga no peito. Não comem nem bebem e são impotentes. À medida que passa o tempo, sua pele, cabelo e olhos, perdem pigmentação até que ficam completamente albinos. Soltam um aroma muito parecido ao talco. Quando ingressam na Sociedade —introduzidos pelo Omega— ele lhes extrai o coração e o conserva em um pote de cerâmica.

Período de zelo - Needing period - Período de fertilidade das mulheres vampiro. Dura em torno de dois dias e é acompanhado de um forte desejo sexual. Produz-se, aproximadamente, cinco anos depois da transição feminina e, posteriormente, uma vez a cada dez anos. Durante o período de zelo, todos os machos respondem, em maior ou menor medida, à chamada da fêmea o que pode provocar conflitos e brigas entre os mesmos, especialmente quando a fêmea não está emparelhada.

O Omega. Ente místico e malévolo que quer exterminar à raça vampírica pelo ressentimento que tem para com a Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui enormes poderes, embora não o da criação.

Princeps. A casta mais alta da aristocracia vampírica, só superado pelos membros da Família Principal ou pela do Eleito da Virgem Escriba. É uma casta que se tem por nascimento, sem que possa ser concedido com posterioridade.

Pyrocant. Termo referido à debilidade vital que pode sofrer todo indivíduo. Esta debilidade pode ser interna, como por exemplo um vício, ou externa, como um amante.

Rythe. Rito pelo que se tenta apaziguar aquele/aquela cuja honra foi ofendido. Se o rythe é aceito, o ofendido escolhe arma e golpeará com ela ao ofensor, que acudirá desarmado.

A Virgem Escriba. Força mística conselheira do Rei, guardiã dos arquivos vampíricos e dispensadora de privilégios. Existe em um reino atemporal e tem enormes poderes. Lhe concedeu o dom um único ato de criação que foi o que utilizou para dar vida aos vampiros.

Shellan. Vampiro fêmea que se emparelhou com um macho. As mulheres vampiros não podem emparelhar-se com mais de um companheiro devido à natureza dominante e territorial destes.

A Tumba. Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Utilizada como convocação cerimoniosa e como armazém para os potes dos lessers. As cerimônias ali realizadas incluem iniciações, funerais e ações disciplinadoras contra os Irmãos. Ninguém pode entrar, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba, ou os candidatos à iniciação.

Transição. Momento crítico na vida de um vampiro no qual ele ou ela se transforma em adulto. Depois da transição, o novo vampiro deve beber sangue do sexo oposto para sobreviver e, a partir desse momento, não pode suportar a luz do sol. Geralmente ocorre na idade de vinte e cinco anos. Alguns vampiros não sobrevivem a este momento, especialmente os varões. Previamente à transição, os vampiros são fracos fisicamente, sexualmente ignorantes e incapazes de desmaterializarse.

Vampiro. Membro de uma espécie diferente da humana. Para sobreviver devem beber sangue do sexo oposto. O sangue humano os mantém com vida, embora a força que lhes outorga não dura muito tempo. Uma vez que superam a transição, são incapazes de expor-se à luz do sol e devem alimentar-se obtendo o sangue diretamente da veia. Os vampiros não podem transformar aos humanos com uma mordida ou através de uma transfusão, e em raras ocasiões podem reproduzir-se com membros de outras espécies. Podem desmaterializar-se a vontade, mas para isso devem estar calmos, concentrados e não vestir ou carregar nada pesado. São capazes de apagar as lembranças dos humanos, sempre que essas lembranças não sejam distantes. Alguns vampiros podem ler a mente. A esperança de vida é indeterminável.

Ahstrux nohtrum. Guarda particular com licença para matar que é renomado para esse posto pelo Rei. Pode ser homem ou mulher.

Ahvenge. Ato de mortal retribuição tipicamente levado a cabo pela amada de um macho.

Chrih. Símbolo de uma morte honorável, na Antiga Língua.

The Chosen. A/as Eleita/s pr n. Mulher vampiro que foi criada para servir à Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora enfoquem mais em assuntos espirituais do que temporários. Sua interação com os homens é virtualmente inexistente, mas pode emparelhar-se com Irmãos por ordem da Virgem Escriba para propagar sua espécie. Algumas possuem o dom da vidência. No passado, eram usadas para cobrir as necessidades de sangue dos membros não emparelhados da Irmandade, e essa prática foi reinstaurada pelos Irmãos.

Cohntehtst. Conflito entre dois machos competindo pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

Dhunhd. Inferno.

Ehros. Uma Escolhida treinada em matéria de artes sexuais.

Exhile dhoble. O gêmeo malvado ou maldito, é o que nasce em segundo lugar.

Ghardian. Guardiã de um indivíduo. Há vários graus de ghardians, sendo o mais poderoso o de uma fêmea sehcluded, também chamado whard.

Glymera. O núcleo social da aristocracia, equivalente aproximadamente ao do período da regência na Inglaterra.

Leahdyre. Uma pessoa de poder e influência.

Lewlhen. Dou de presente.

Lheage. Um termo respeitoso que usam os que são submetidos sexualmente referindo-se ao que os domina.

Mahmen. Mãe. Usado de ambas as formas para identificá-las carinhosamente.

Mhis. O mascaramento de um ambiente físico dado; a criação de um campo de ilusão

Nalla (fêmea) ou **Nullum** (macho) adj. Amada/o

Newling. Uma virgem.

Pheursom ou Pherarsom adj. Termo que se refere à potência dos órgãos sexuais do macho. A tradução literal seria algo como “digno de penetrar a uma mulher”

Rahlman. Salvador

Sehclusion. A pedido da família de uma fêmea o Rei pode lhe conferir este estado legal. Coloca à fêmea sob a autoridade exclusiva de seu whard, que geralmente é o macho mais velho da família. Seu whard tem o direito de determinar sua forma de vida, restringindo a vontade toda interação que ela tenha com o resto do mundo.

Symphath. Subespécie do mundo vampírico caracterizada, entre outras peculiaridades, por sua habilidade e desejo de manipular as emoções de outros (com o propósito de um intercâmbio de energia). Historicamente, foram discriminados e durante certas épocas, caçados pelos vampiros. Estão próximos à extinção.

Tahlly. Um termo carinhoso, também traduzido como “querida”.

Trahyner. Palavra usada entre machos que denota mútuo respeito e afeto. Traduzida livremente como “querido amigo”

Wahlker. Um indivíduo que morreu e voltou para a vida do Fade. Outorga-lhes um grande respeito e são reverenciados por suas tribulações.

Prólogo

Faz vinte e cinco anos, três meses, quatro dias, onze horas, oito minutos, e trinta e quatro segundos...

O tempo não era, para falar a verdade, uma perda que se escorria para o infinito. Era maleável e não imutável até o último segundo do mesmo presente. Argila e não concreto. E isso era algo pelo qual o Omega se sentia agradecido. Se o tempo tivesse sido inalterável, não teria nos braços a seu filho recém-nascido.

As crianças nunca tinham sido seu objetivo. E, entretanto, nesse momento, sentiu-se renovado.

—A mãe está morta? —perguntou ao Fore-lesser que vinha descendo as escadas. Era gracioso se tivessem perguntado ao assassino que ano pensava que era e este tivesse respondido 1983. E de certa forma, tivesse estado correto.

O Fore-lesser assentiu.

—Não sobreviveu ao parto.

—As fêmeas vampiras raramente sobrevivem. É uma de suas poucas virtudes. —E neste caso, oportuna. Matar a mãe depois que proporcionasse tão bom serviço, parecia uma descortesia.

—Que deseja que faça com o corpo?

O Omega observou seu filho estirar a mão e agarrar seu polegar. Tinha força ao apertar.

—Que estranho.

—O que?

Era difícil expressar o que sentia. Ou talvez esse fosse o tema. Não esperava sentir nada.

Supunha-se que seu filho seria a reação defensiva contra a Profecia do Destruidor, uma resposta calculada na guerra contra os vampiros, uma estratégia para assegurar a sobrevivência do Omega. Seu filho acharia uma forma nova de lutar e mataria a essa raça de selvagens antes que o Destruidor purgasse a essência do Omega até não deixar nada.

Até esse momento, o plano se executou de forma perfeita, começando com o rapto da fêmea de vampiro que o Omega tinha inseminado e concluindo aqui, com este recém-chegado ao mundo.

O menino levantou o olhar para ele, movendo a boquinha. Cheirava doce, mas não porque fosse um lesser.

Imprevisivelmente, o Omega não desejava soltá-lo. Esse menino em seus braços era um milagre, uma ambigüidade vivinha e abanando o rabo. Ao Omega não foi outorgado um ato de criação, como a sua irmã, mas não lhe foi negado o dom da reprodução. Não era capaz de criar toda uma nova raça completa. Mas podia recriar uma parte de si mesmo a partir do lago genético.

E assim o fez.

—Amo? — disse o Fore-lesser.

Realmente não queria soltar ao bebê, mas para fazer este trabalho, seu filho devia viver com o inimigo, ser criado como mais um deles. Seu filho devia aprender sua linguagem, sua cultura e seus costumes.

Seu filho devia saber onde viviam para poder ir massacrá-los.

O Omega forçou a si mesmo a entregar a criatura ao Fore-lesser.

—Deixa-o no lugar de reunião que te proibi que saqueasse. Agasalha-o e deixa-o, e a sua volta absorverei em mim.

Depois do que morrerá, já que esse é meu desejo, terminou o Omega mentalmente.

Não podia ter filtrações. Nem enganos.

Enquanto o Fore-lesser se dedicava a adulá-lo, o que em qualquer outro momento tivesse despertado o interesse do Omega, o sol saiu sobre os campos de trigo de Caldwell, Nova Iorque. Do piso superior, um suave e borbulhante som cresceu, até transformar-se em um estalo e o aroma de queimado anunciou a incineração do corpo da fêmea, junto com todo o sangue que havia naquela cama.

O que era simplesmente adorável. O esmero era importante, e esta era uma granja nova, construída especialmente para o nascimento de seu filho.

—Vai — ordenou o Omega— Vai e cumpre com seu dever.

O Fore-lesser partiu levando o menino, e enquanto observava como se fechava a porta, o Omega desejou ter a seu broto. Indubitavelmente estava sofrendo pela falta do menino.

Entretanto, tinha a solução para acalmar sua angústia ao alcance da mão. O Omega desejou estar no ar e catapultou a forma corpórea que assumiu para o «presente», à mesma sala de estar em que se encontrava.

O transcurso do tempo se fez evidente em um rápido envelhecimento da casa em que estava. O papel de parede empalideceu e despreendeu da parede em farrapos. Os móveis deterioraram e desgastaram em concordância com mais de duas décadas de uso. O teto escureceu, passando de uma brilhante cor branca a um opaco amarelo, como se tivesse havido fumantes exalando durante anos. No vestíbulo, as pranchas do chão curvaram nas esquinas.

No fundo da casa, sentiu a dois humanos discutindo.

O Omega flutuou através da imunda, e envelhecida cozinha, que apenas alguns segundos antes tinha visto brilhante como o dia que tinha sido construída.

Quando entrou na casa, o homem e a mulher deixaram de brigar, ficando congelados pela comoção. E então se ocupou do tedioso assunto de desocupar a granja de olhos curiosos.

Seu filho retornava ao redil. E o Omega precisava vê-lo ainda mais do que precisava pô-lo a trabalhar.

Quando o mal tocou o centro de seu peito, sentiu-se vazio e pensou em sua irmã. Ela deu a luz uma nova raça, uma raça concebida pela combinação de sua vontade e a biologia que encontrou disponível. Tinha estado muito orgulhosa de si mesmo.

Seu pai também o tinha estado.

O Omega começou a matar vampiros só para mortificar aos dois, mas logo aprendeu que os atos malvados nutriam-no. Claro que seu pai não pôde detê-lo, já que como resultaram as coisas, as ações do Omega — não, em realidade mesmo sua existência— era necessária para equilibrar a bondade de sua irmã.

Devia-se conservar um equilíbrio. Era o princípio essencial de sua irmã, a justificação que dava ao Omega, e o preceito que seu pai recebeu do dele. A mesma base do mundo.

E assim resultou ser que a Virgem Escriba sofresse e o Omega obtivesse satisfação. Com cada morte acontecida a sua raça, ela sofria, e bem que ele sabia. O irmão sempre tinha sido capaz de conhecer sua irmã.

Entretanto, agora, isso era ainda mais certo.

Quando o Omega imaginava seu filho, sozinho no mundo preocupava-se com o menino. Esperava que estes vinte anos tivessem sido tranquilos para ele. Mas isso era próprio de um pai, verdade? Supunha-se que os pais se preocupavam com seus filhos, alimentavam-nos e os protegiam. Sem importar como fosse sua alma, virtuosa ou pecadora, desejava o melhor para aquele que havia trazido para o mundo.

Era incrível dar-se conta que depois de tudo, tinha algo em comum com sua irmã... era impressionante saber que ambos desejavam que os filhos que engendraram sobrevivessem e prosperassem.

O Omega olhou os corpos dos humanos que acabava de extinguir.

É obvio que isso era um assunto de mútua exclusividade, não é certo?

Capítulo 1

O feiticeiro tinha retornado.

Phury fechou os olhos e deixou que sua cabeça caísse para trás, até apoiá-la contra a cabeceira. Ah, demônios, o que é que estava dizendo. O feiticeiro nunca se foi.

Companheiro, às vezes me enche o saco, disse lentamente a tenebrosa voz dentro de sua cabeça. Na verdade o faz depois de tudo o que passamos juntos?

Tudo o que tinham passado juntos... isso era muito certo.

O feiticeiro era a causa da premente necessidade de fumaça vermelha que sofria, sempre em sua cabeça, sempre amassando a respeito do que não fez, do que deveria ter feito, do que poderia ter feito melhor.

Deveria. Seria. Poderia.

Bonita rima. Sua realidade era a mesma dos espectros do anel do Senhor dos Anéis; levava-o para a fumaça vermelha com a mesma segurança que se o bastardo lhe atasse as quatro patas como a um animal e o atirasse na parte traseira de um carro.

Em realidade, macho, seria bem melhor o pára-choque dianteiro.

Exatamente.

Em sua mente, o feiticeiro aparecia com a forma de um espectro do anel de pé em meio de um vasto páramo (ecossistema neotropical localizado em altas elevações) cinza, cheio de crânios e ossos. Com seu peculiar acento britânico, o bastardo assegurava que Phury nunca esquecesse seus enganos, a contundente letania o induzia a acender um após o outro, só para evitar se meter no armário onde guardava as armas e tragar o chumbo de um calibre quarenta.

Não o salvou. Não os salvou. A maldição caiu sobre eles por tua culpa. É sua culpa... é sua culpa...

Phury tomou outro néscio e o acendeu com o acendedor de ouro.

Era o que no Antigo País chamavam o Exílio Duplo.

O segundo gêmeo. O gêmeo malvado.

Nascido três minutos depois de Zsadist, o nascimento com vida de Phury levou a maldição da instabilidade a sua família. Dois filhos nobres, ambos respirando, em muita boa fortuna, e certamente se restabeleceu o equilíbrio: aos poucos meses, seu gêmeo foi afastado da família, vendido como escravo, e durante um século, abusaram dele de todas as formas possíveis.

Graças à cadela viciosa que foi sua ama, Zsadist levava cicatrizes no rosto, nas costas, nos braços e no pescoço. E cicatrizes ainda piores por dentro.

Phury abriu os olhos. Resgatar o corpo físico de seu irmão não foi suficiente; necessitou-se do milagre que era Bela para ressuscitar a alma de Z, e agora ela estava em perigo. Se a perdiam...

Então tudo voltaria para o lugar adequado e o balanço permaneceria intacto para a seguinte geração, disse o feiticeiro. Honestamente, acredita que seu gêmeo acabaria com a

bênção que representa um menino nascido vivo? Você deve ter filhos além de qualquer limite. Ele não deve ter nenhum. Essa é a forma em que funciona o equilíbrio.

OH, e também tomarei a seu shellan, já te mencionei isso?

Phury segurou o controle e pôs «Che Gelida Manina».

Não funcionou. O feiticeiro gostava de Puccini. O espectro do anel simplesmente começou a dançar ao redor do campo de esqueletos, esmagando com suas botas o que encontrava sob seus pés, seus pesados braços oscilavam com elegância, suas roupas negras e rasgadas assemelhavam a crina arremessada para trás da régia cabeça de um garanhão. Frente a um vasto horizonte de uma ruim cor cinza, o feiticeiro dançava e ria.

Tão. Malditamente. Fodido.

Sem olhar, Phury estirou o braço para a mesinha de noite para tomar a bolsinha de fumaça vermelha e seus papéis de enrolar. Não necessitava medir a distância. Este coelho sabia bem onde estavam suas cenouras.

Enquanto o feiticeiro vozeava *A Bohème*, Phury enrolou dois néscios gordinhos para poder fumar sem interrupções, correntemente, e também fumava enquanto preparava os reforços. Ao exalar, o que saía de seus lábios cheirava café e chocolate, mas com tal de ficar insensível ao feiticeiro, igualmente teria seguido utilizando a coisa mesmo se houvesse sentido como lixo ardente sob seu nariz.

Demônios. Estava chegando ao ponto em que acender um fodido lixeiro, tivesse lhe parecido bem e inclusive maravilhoso, se com isso obtinha um pouco de paz.

Não posso acreditar que não valere mais nossa relação, disse o feiticeiro.

Phury se concentrou no desenho que tinha no colo, no que tinha estado trabalhando durante a última meia hora. Depois de jogar uma rápida olhada para orientar-se, afundou a ponta da caneta no frasco de prata pura que tinha apoiado contra o quadril para mantê-lo equilibrado. O lago de tinta que havia dentro parecia o sangue de seus inimigos, emitia o mesmo denso e oleoso brilho. Entretanto no papel, era de um vermelho profundo atirando a marrom e, não de uma vil cor negra.

Nunca usaria a cor negra para retratar a alguém que amava. Trazia má sorte.

Além disso, essa tinta cor sangue era precisamente a cor dos reflexos que tinha Bela em seus cabelos cor mogno. Assim fazia jogo com o tema.

Cuidadosamente, Phury sombreou a extensão de seu perfeito nariz, entrecruzando os finos traçados da caneta até obter a densidade adequada.

O desenho a tinta era muito parecido à vida real: um engano e tudo ficava arruinado.

Maldita fosse. O olho de Bela não estava de tudo bem nivelado.

Torcendo o antebraço para não arrastar o braço por cima da tinta fresca que acabava de pôr, tratou de corrigir o engano, dando forma à pálpebra inferior de forma que a curva do mesmo estivesse mais no ângulo. Seus traços marcaram delicadamente a folha de papel Crane. Mas o olho ainda não funcionava.

Sim, estava mau, e ele deveria saber, considerando quanto tempo tinha passado desenhando-a uma e outra vez durante os últimos oito meses.

O feiticeiro fez uma pausa em meio de um mid-plié (passo de balé) e assinalou que essa freqüente rotina da caneta-e-a-tinta era um assunto de merda. Desenhar a shellan grávida de seu gêmeo. Honestamente.

Só um perfeito e fodido bastardo se obcecava com uma fêmea que foi tomada por seu gêmeo. E ainda assim, você o fez. Deve se sentir muito orgulhoso de si mesmo, companheiro.

Sim, o feiticeiro sempre tinha esse acento britânico por alguma razão.

Phury deu outra imersão e inclinou a cabeça para um lado para ver se uma mudança de perspectiva ajudava. Não. Ainda não estava bem. E para falar a verdade, tampouco o estava o cabelo. Por alguma razão desenhou a Bela com seu longo e escuro cabelo recolhido em um coque, com mechas soltas fazendo cócegas em suas bochechas. Ela sempre o usava solto.

Dava igual. De toda forma, era mais que adorável, e o resto de seu rosto estava como habitualmente o retratava: seu olhar amoroso dirigido para a direita, suas pestanas delineadas, seu olhar delatando uma combinação de calidez e devoção.

Zsadist sentava a sua direita nas refeições. De forma que a mão que utilizava para brigar estivesse livre.

Phury nunca a desenhava olhando a ele. O que fazia sentido. Tampouco na vida real, atraía seu olhar. Estava apaixonada por seu gêmeo, e não teria trocado isso, nem por todo o desejo que sentia por ela.

A área do desenho ia da parte alta do coque até os ombros. Nunca desenhava seu ventre de grávida. Nunca desenhava às mulheres grávidas do esterno para baixo. Isso também era má sorte. Igual a um aviso do que mais temia.

As mortes eram freqüentes nos partos.

Phury passou a ponta dos dedos pelo rosto, evitando o nariz, onde a tinta ainda estava secando. Era formosa, inclusive com o olho que não estava bem, e o cabelo que se via diferente, e os lábios que eram menos cheios.

Este estava terminado. Era o momento de começar outro.

Deslocando a mão para a parte inferior do desenho, começou a riscar a curva da hera na curva de seu ombro. Primeiro uma folha, logo um caule florescente... depois mais folhas, curvando-se e engrossando-se, cobrindo o pescoço, amontoando-se contra sua mandíbula, pulverizando-se até sua boca, estendendo-se sobre seu rosto.

Ida e volta para o frasco de tinta. A hera apoderando-se dela. Hera cobrindo os traços de sua caneta, ocultando seu coração e o pecado que vivia nele.

O mais difícil para ele era cobrir seu nariz. Isso sempre era quão último fazia e quando já não podia prorrogar por mais tempo, sempre sentia que ardiavam seus pulmões como se fosse ele, que se visse privado da liberdade de respirar.

Quando a hera cobriu a imagem, Phury fez uma pelota com o papel e o atirou ao cesto de papéis de bronze que havia do outro lado do quarto.

Em que mês estavam agora... agosto? Sim, agosto. O que significava... que ainda tinha um ano de gravidez pela frente, assumindo que pudesse conservá-la. Como muitas fêmeas, estava fazendo repouso na cama, já que o parto prematuro era motivo de grande inquietação.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

